

O TRATAMENTO DA POLIFONIA TEXTUAL NOS PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO: EXEMPLOS DE ANÁLISE DOS MODOS DE CITAÇÃO DO DISCURSO DO OUTRO SEGUNDO A TIPOLOGIA DE BOCH & GROSSMANN¹

ALVAREZ, Beatriz Julia Isabel
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
beatrizjulia@gmail.com

Resumo: No contexto do curso de Letras, conforme atestam trabalhos publicados por autores como Matencio e Boch & Grossmann, a prática da retextualização pode significar uma atividade complexa para os graduandos. O gerenciamento das vozes dos discursos que estão sendo retextualizados constitui um dos pontos críticos desse tipo de exercício. Com a intenção de colaborar com o tratamento dos mecanismos enunciativos em sala de aula, este artigo exhibe a análise da citação do *discurso de outrem* em textos da mídia digital, que constituem o produto da retextualização de notícias em artigos de opinião postados em blogs. Para tanto, a partir da concepção marcuschiana de língua como atividade situada e da perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, são apresentadas as temáticas da retextualização e do tratamento das vozes do discurso, enquanto a análise proposta é realizada à luz da tipologia dos modos de referência ao discurso do outro de Boch & Grossmann (2002). Entende-se que este trabalho pode representar uma contribuição relevante para o desenvolvimento da leitura e da escrita na universidade, na medida em que apresenta uma ferramenta específica para analisar as estratégias de gerenciamento das vozes do discurso, assim como fornece exemplos práticos de sua aplicação.

Palavras-chave: gêneros textuais; retextualização; polifonia textual

1. Introdução

A retextualização, considerada por Marcuschi (2001, p. 46), como a transformação de um texto em outro, ocupa um lugar de destaque como prática que auxilia no desenvolvimento da produção escrita e na (re)construção do conhecimento dos diversos gêneros discursivos.

Com efeito, se é através dos gêneros textuais que nos comunicamos verbalmente (MARCUSCHI, 2003, p.25) e se “a apropriação dos gêneros textuais é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades humanas ” (BRONCKART, 1999, p.103), o indivíduo precisa apropriar-se de forma adequada desses gêneros característicos das diferentes esferas sociais nas quais encontra-se inserido. A retextualização representa um modo de apropriação dos gêneros textuais nas relações que se travam na sociedade, o qual implica tanto a leitura compreensiva dos textos de partida, quanto a escrita produtiva do texto final.

Mas, para além dessa relação da retextualização com a leitura, a escrita e os gêneros textuais, prova da importância do assunto, a inclusão dessa temática neste estudo encontra justificativa na relevância que o tratamento adequado da polifonia textual – foco principal deste trabalho - alcança nesse tipo de prática. Afinal, de quem é a voz presente no texto retextualizado? A que estratégias o produtor do texto final recorre para citar a(s) voz(es) existente(s) no texto base ?

¹Parte deste trabalho integra o projeto “Retextualização de textos acadêmicos no meio digital”, que está sendo desenvolvido pela autora como mestranda do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) .

Estudos com estudantes de Letras realizados por autores como Matencio (2002, 2003, 2004), no Brasil, e Boch e Grossmann (2002), na França, apresentam o gerenciamento das vozes do discurso como uma das principais dificuldades que esses graduandos enfrentam ao levar a cabo exercícios de retextualização de gêneros.

A partir desses dados, com a intenção de colaborar com o tratamento da polifonia textual na sala de aula, este estudo analisará a maneira como é citado o *discurso de outrem* em textos, colhidos na mídia digital, que constituem o produto da retextualização de notícias em artigos de opinião² postados em *blogs*, por meio da aplicação da tipologia dos modos de referência ao discurso do outro criada por Boch & Grossmann (2002).

Para tanto, a partir da concepção de língua como atividade situada (MARCUSCHI, 2001, p. 43) e da perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, a temática da retextualização abordada nesta proposta fundamenta-se teoricamente no conceito de gêneros discursivos de Bakhtin, ao qual somam-se o conceito de gênero textual proposto por Marcuschi (2003) e as noções de retextualização defendidas por Marcuschi (2001) e Matencio (2002, 2003, 2004).

O gerenciamento das vozes do discurso, por sua vez, fundamenta-se tanto na teoria enunciativa da linguagem bakhtiniana, quanto na tipologia dos modos de referência ao discurso do outro, formulada pelos professores Françoise Boch e Francis Grossmann, conforme mencionado anteriormente.

Fornecer exemplos de aplicação da tipologia de Boch & Grossmann a textos que circulam em ambientes discursivos brasileiros, pode constituir uma colaboração efetiva no que diz respeito à identificação das estratégias que são utilizadas, no Brasil, para o gerenciamento das vozes presentes no discurso, atividade que atende recomendação da própria Matencio, tradutora e disseminadora original do trabalho dos pesquisadores franceses (vide item 3 deste estudo). Convém lembrar, ainda, que, através dessa identificação, o leitor proficiente desvenda as ambiguidades e percebe a ideologia que permeia esse discurso.

2. Bakhtin, Marcuschi, a língua e os gêneros

Assunto de reconhecida importância, os gêneros textuais ocupam um lugar de destaque no contexto da concepção de língua adotada neste trabalho, qual seja:

(a de um) fenômeno heterogêneo (com múltiplas formas de manifestação), variável (dinâmico, suscetível a mudanças), histórico e social (fruto de práticas sociais e históricas), indeterminado sob o ponto de vista semântico e sintático (submetido às condições de produção) e que se manifesta em situações de uso concretas como texto e discurso (MARCUSCHI, 2001, p. 43).

Para Bakhtin, a língua, em seu uso concreto, caracteriza-se por ser dialógica, pois todos os enunciados (forma de emprego efetivo da língua), são dialógicos; é a palavra que dialoga com a palavra. A interação verbal, palco do diálogo, constitui um fenômeno social que se realiza através da enunciação (ou enunciações), realidade fundamental da língua. Nas palavras do autor,

A enunciação enquanto tal, é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto

² Neste caso, estão sendo considerados *artigos de opinião* os textos opinativos que são genericamente tratados como posts.

mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2010, p. 126-127).

Percebe-se, assim, que o sentido da enunciação é o efeito dessa interação entre os interlocutores. Considerando que todo enunciado provém de alguém e é direcionado para um outro alguém, é nessa interação que acabam sendo construídos os sentidos.

A partir dessas ideias, assumindo como contexto o da enunciação, Bakhtin considera que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2010, p. 262) e complementa:

a riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera (BAKHTIN, 2010, p. 262).

O autor considera três “elementos básicos” na configuração de um gênero discursivo: conteúdo temático, estilo e forma composicional. Nas condições de produção do conteúdo temático dos enunciados e dos gêneros discursivos encontram-se inseridas as intenções comunicativas e as necessidades sócio-interativas dos sujeitos nas esferas de atividade, nas quais o papel e o lugar de cada sujeito são determinados socialmente. Bakhtin (2010) enfatiza que, quando o indivíduo fala/escreve ou lê/ouve, ativa o conhecimento prévio do paradigma dos gêneros que conheceu nas suas relações com a língua.

Ainda segundo Bakhtin (2010), os gêneros do discurso podem ser primários (mais espontâneos) ou secundários (menos espontâneos, mais elaborados), sendo que, às vezes, o primário passa a compor o secundário. O autor russo fala também da transmutação de gêneros e da assimilação de um gênero por outro, o que acaba gerando um novo gênero. É o caso, por exemplo, do surgimento de formas inovadoras a partir do avanço tecnológico, ou seja, o novo meio produz mudanças nas formas já conhecidas. Veja-se o caso do e-mail (correio eletrônico), que tem as cartas e as mensagens como suas antecessoras.

Para Marcuschi (2003), estudioso que adota a nomenclatura *gênero textual* e não *gênero do discurso*, os gêneros textuais são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” que são definidos por seus “aspectos sócio-comunicativos e funcionais” (MARCUSCHI, 2003, p. 19). O autor parte do questionamento sobre essa categoria para concluir que “quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual” (2003, p. 25).

Segundo o pesquisador, as atividades comunicativas do cotidiano escolar se concretizam através de gêneros específicos, sendo as instituições escolares as responsáveis por ensinar aos alunos as estratégias necessárias para a produção adequada dos diversos gêneros próprios desses ambientes.

Marcuschi (2003) chama a atenção para a diferença que existe entre tipo textual e gênero textual. O autor esclarece que o primeiro, o tipo textual, se restringe ao aspecto linguístico, constituindo um número limitado de padrões (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção), enquanto o segundo, o gênero textual, está relacionado ao aspecto sócio-comunicativo, conseqüentemente, os exemplos são inúmeros (carta, e-mail, receita médica, bula de remédio, lista de compras, etc.).

Neste trabalho, com a intenção de facilitar a leitura do texto, as expressões “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” fazem referência ao mesmo fenômeno.

3. A retextualização

Focando a retextualização, pode-se afirmar que os estudos desenvolvidos por Marcuschi (2001), a partir das combinações da fala e da escrita, representam uma referência obrigatória sobre o assunto. O seu livro *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização* - constitui, no Brasil, um trabalho pioneiro sobre o tema. Segundo o autor:

Atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não-problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra (MARCUSCHI, 2001, p. 48).

Convém lembrar que o termo *retextualização* foi utilizado pela primeira vez por Neusa Travaglia (1993) na sua tese de doutorado, com o sentido de tradução de uma língua para outra. Segundo Marcuschi (2001),

O uso do termo *retextualização*, tal como feito aqui, se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto na mesma língua (MARCUSCHI, 2001, p. 46).

Ainda tratando das ideias de Marcuschi acerca da retextualização, tem-se que, para o autor, a passagem de uma ordem para outra (falada e escrita) pode ocorrer em quatro diferentes níveis: da fala para a escrita; da fala para a fala; da escrita para a fala e da escrita para a escrita, sendo que as operações mencionadas envolvem mudanças tanto no nível do código como no processo de construção de sentido.

O autor também chama a atenção para dois aspectos importantes a ser considerados nesse tipo de prática: a diferença entre retextualização, reescrita e transcrição e as variáveis que podem intervir no processo da retextualização.

Com referência à diferença entre retextualização, reescrita e transcrição, Marcuschi afirma que, enquanto a reescrita consiste na passagem de um texto escrito para outro texto escrito (conservando o mesmo tipo e gênero textual), a transcrição da “fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”, o que implica mudanças “de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo” Já na retextualização essas mudanças provocam uma interferência maior, especialmente no caso da linguagem (2001, p. 49).

Por sua vez, como variáveis que podem intervir no processo da retextualização, o pesquisador cita: o propósito ou objetivo da retextualização (pode influenciar, por exemplo, no nível de linguagem utilizado no novo texto), a relação entre o produtor do texto original e o transformador (um texto pode ser feito pelo seu autor ou por outra pessoa, o que gera diferenças na produção do novo texto), a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização e os processos de formulação típicos de cada modalidade (estes dois últimos exigem um conhecimento e um domínio maior das estratégias de produção textual vinculadas a cada tipo e/ou modalidade).

Marcuschi também apresenta no seu livro um modelo referente às operações textuais-discursivas englobadas na passagem do texto oral para o texto escrito que inclui nove

operações definidas e mais outras operações especiais que, juntas, segundo ele próprio afirma, poderiam ser agrupadas em dois conjuntos. O primeiro conjunto é o das operações que seguem regras de regularização e idealização, que se fundam nas estratégias de eliminação e inserção. O segundo conjunto inclui as operações que seguem regras de transformação que se baseiam em estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação.

Deve-se ressaltar, finalmente, que, a partir da obra de Marcuschi, surgiram alguns estudos sobre a temática da retextualização dos gêneros, como, por exemplo, os desenvolvidos por Matencio (2002, 2003, 2004) e por Dell’Isola (2007).

Com relação à contribuição de Matencio, pesquisadora mineira que publicou vários livros e artigos científicos, destacam-se, em função de sua relação com a temática abordada neste projeto, os trabalhos: *Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo* (2002); *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha* (2003) e *O recurso ao discurso do outro na formação inicial: um estudo de textos de alunos de Letras* (2004).

Nesses três artigos, Matencio trata da apropriação dos gêneros resumo e resenha por parte de graduandos de Letras, a partir de exercícios de retextualização de textos acadêmicos. Nos três casos a pesquisadora identificou o gerenciamento das vozes do discurso como um ponto crítico das produções dos graduandos. Segue um breve comentário sobre esses trabalhos.

Ao longo do artigo *Atividades de retextualização em práticas acadêmicas: um estudo do gênero resumo* (2002), Matencio declara seguir as ideias de Marcuschi e afirma que “retextualizar é produzir um novo texto a partir de um texto-base, pressupondo-se que essa atividade envolve tanto relações entre gêneros e textos– o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade” (MATENCIO, 2002, p. 111).

A autora chama a atenção para o fato de a retextualização implicar a investigação de operações propriamente linguísticas (de organização da informação, formulação do texto e progressão referencial), textuais (refere-se aos tipos textuais) e discursivas (remete ao evento de interação que constitui a origem do texto). Matencio declara considerar que a prática de exercícios de retextualização promove a inserção do graduando nas práticas discursivas universitárias e enumera diversas dificuldades enfrentadas pelos graduandos na hora de produzir gêneros acadêmicos, entre as quais destacam-se o desconhecimento da terminologia e de conceitos próprios da área, assim como da configuração e do funcionamento dos gêneros textuais.

Sobre o segundo artigo selecionado, *Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha*, faz-se preciso ressaltar que, além de apresentar uma temática similar ao primeiro (retextualização de gêneros escritos na universidade), foca outros dois aspectos interessantes: o processo de atualização dos gêneros textuais e a construção da referência na atividade de retextualização para resumos e resenhas.

O recurso ao discurso do outro na formação inicial: um estudo de textos de alunos de Letras, terceiro trabalho selecionado para fazer parte deste estudo, mantém a temática da retextualização de textos acadêmicos por graduandos de Letras, mas com foco no recurso ao discurso do outro.

Ao longo do artigo, após discorrer sobre a perspectiva enunciativa-discursiva de Bakhtin, lembrando que “o enunciado – simultaneamente matéria lingüística e “contexto” enunciativo – configura-se na interação social, o que lhe dá o status de objeto dos estudos da linguagem (BARROS, 1999, apud MATENCIO, 2004, p. 2), a autora passa a falar da relação entre o discurso do outro e a retextualização em textos acadêmicos, a partir de experiências vividas em projeto de pesquisa que tratava das atividades de retextualização na formação profissional. Os resultados da primeira etapa dessa pesquisa indicaram urgência no desenvolvimento de dois aspectos: os mecanismos enunciativos e o processo de referenciação.

Nesse ponto, Matencio apresenta a tipologia de referência ao discurso do outro de Boch & Grossmann (2002), que será aplicada neste projeto. A autora expõe exemplos de aplicação da tipologia a textos retextualizados por profissionais e estudantes franceses e finaliza o artigo recomendando a realização de estudos que verifiquem a validade da aplicação da tipologia de Boch e Grossmann (2002) no Brasil, assim como “um trabalho mais pontual com professores em formação em termos da percepção dos mecanismos enunciativos e do que eles revelam da cena enunciativa e das posições identitárias, isso em atividades de leitura e de escrita” (MATENCIO, 2004, p. 10).

Resumindo-se as ideias de Matencio discutidas nesses três trabalhos, aqui apresentados de forma sucinta, pode-se afirmar que a autora desenvolveu as temáticas dos gêneros textuais, da retextualização e do recurso ao discurso do outro com base na teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin, no interacionismo sócio-discursivo de Bronckart, na ideia de retextualização de Marcuschi e na tipologia de referência ao discurso do outro de Boch & Grossmann, traduzida pela própria Matencio e utilizada também neste projeto.

Em outras palavras, a obra de Marcuschi e a contribuição científica de Matencio sobre gêneros textuais e seu processo de retextualização são trabalhos distintos e complementares, que encontram fundamento em base teórica semelhante.

Por fim, focando o trabalho de Dell’Isola, destaca-se a obra *Retextualização de gêneros escritos*, produzida, segundo declara a própria autora, com o objetivo de

Promover condições favoráveis a um ensino cujo alvo seja a apropriação eficiente dos atuais subsídios que a Linguística Textual e a Teoria dos Gêneros vêm oferecendo para a formação de leitores críticos do mundo e de produtores de texto comunicativamente bem sucedidos (DELL’ISOLA, 2007, p. 10).

A obra de Dell’Isola foca o aspecto pedagógico do processo de retextualização, atividade definida pela pesquisadora como “o processo de transformação de uma modalidade textual em outra” (DELL’ISOLA, 2007, p. 10), exercício que, ainda segundo a autora, ocupa um lugar de destaque como prática que auxilia o aluno a (re)construir o conhecimento dos diversos gêneros acadêmicos. A autora também ressalta o fato dessa prática favorecer o trabalho de produção de textos e exigir uma leitura compreensiva do texto de partida.

De maneira geral, pode-se afirmar que *Retextualização de gêneros escritos*, livro de leitura fácil e rápida que apresenta uma proposta interessante de relacionamento da teoria com a prática pedagógica, possui o mérito de constituir, no contexto da produção científica brasileira (e junto com as produções de Marcuschi e de Matencio), uma das poucas obras escritas sobre a temática em questão.

4. O tratamento das vozes do discurso

Conforme visto no item 2 deste artigo, para Bakhtin, a língua (em seu uso concreto) e os enunciados (formas de emprego efetivo da língua) caracterizam-se por ser dialógicos.

Para Bezerra (2010), o dialogismo é o “procedimento que constrói a imagem do homem num processo de comunicação interativa, na qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim” (BEZERRA, 2010), enquanto a polifonia é aquela “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis” (BAKHTIN, *apud* BEZERRA, 2010). Essas noções de dialogismo e polifonia referem-se, inicialmente, aos vários personagens que protagonizam os romances, às diversas vozes que representam aspectos da vida nos contextos social, histórico e ideológico.

A partir dessa oposição ao discurso monológico, Bakhtin considera a existência de um entrecruzamento de vozes na constituição do discurso. Segundo o autor (2008), o discurso é visto como

a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Lingüística, obtido por meio da abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso (p. 181). [Sob essa perspectiva] as relações dialógicas, embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente lingüístico do seu estudo. Por isso para estudar o ‘discurso dialógico’, a Lingüística deve aproveitar os resultados da Metalingüística. Assim, as relações dialógicas são extralingüísticas. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. (BAKHTIN, 2008, p. 182-183).

Focando a prática da retextualização, deve-se ressaltar que esse entrecruzamento de vozes do discurso, essa polifonia representa um aspecto complexo do retextualizar de gêneros, que exige do escritor a utilização de diversas estratégias para o gerenciamento adequado das vozes dos textos base (ou seja, para a citação do discurso de outrem) e (re)construção do texto final.

O discurso de outrem “constitui mais do que o tema do discurso [...]. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutura e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 150).

Sobre esse tema, Bakhtin/Volochínov afirmam:

O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora do contexto narrativo. É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integridade lingüística e da sua autonomia estrutural primitivas (BAKHTIN / VOLOCHÍNOV, 2010, p. 150-151).

A fala dos autores também destaca o fato de o discurso citado não poder ser reconhecido apenas do ponto de vista temático, pois a interação verbal deve ser considerada tanto quanto o contexto em que ela se produz e, ainda, suas relações intertextuais.

Outro conceito importante de Bakhtin/Volochínov diz respeito às orientações de citação do discurso de outrem. Para os autores, existem dois estilos possíveis de orientação, o linear e o pictórico. O estilo linear seria aquele que cria contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, correspondendo a uma fraqueza do fator individual interno. Por outro lado, o estilo pictórico apresenta uma tendência de atenuação dos contornos exteriores da palavra do outro. Esse “apagamento” das fronteiras do discurso citado pode ser provocado deliberadamente pelo narrador com a intenção de expressar seus sentimentos ou estados de ânimo.

Com referência aos diferentes tipos de discurso (indireto, direto, indireto livre), Bakhtin/Volochínov enumeram variantes analisadoras do discurso indireto, variantes retóricas do discurso direto, assim como também descrevem o discurso indireto livre.

4. A tipologia de Boch e Grossmann

A tipologia dos modos de referência ao discurso do outro de Boch & Grossmann começou a ser conhecida no Brasil a partir da publicação do artigo *Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes*, em versão

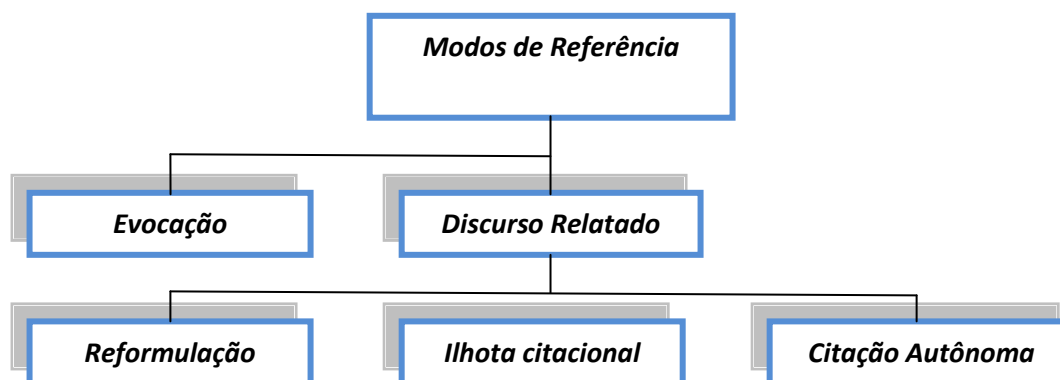
traduzida por Matencio, no volume 6 da revista Scripta (Belo Horizonte), no segundo semestre de 2002.

Conforme declaram os autores, o artigo em questão foi escrito com o objetivo principal de

fornecer algumas informações sobre a maneira como estudantes universitários iniciantes mobilizam autores ou fontes exteriores, confrontando seus procedimentos com as estratégias utilizadas pelos especialistas. Essa comparação permitirá precisar como os principiantes apóiam-se no discurso do outro, colocando em evidência sua originalidade em relação aos pesquisadores estabelecidos. (BOCH & GROSSMANN, 2002, p. 98)

Interessante contribuição para o melhor tratamento de uma atividade tão complexa quanto a citação do *discurso de outrem*, essa tipologia distingue, basicamente, dois tipos de referência ao discurso do outro: 1) a *evocação*, na qual o escritor faz alusão a trabalhos sem a intenção de resumir seu teor, e 2) o *discurso reportado*, situação na qual o escritor indica que resume, reformula ou cita o discurso do outro, três maneiras diferentes de referência ao *discurso de outrem*. O esquema abaixo permite a visualização dessas categorias.

Esquema 1: Tipologia dos modos de referência ao discurso do outro (Boch & Grossmann, 2002)



Com referência às características dos três tipos do *discurso relatado*, Boch e Grossmann (2002) esclarecem que a *citação* é criadora de um espaço autônomo no plano enunciativo, enquanto a *reformulação* permite ao escritor assumir a fala do outro em seu próprio dizer (do ponto de vista enunciativo). A *ilhota citacional*, por sua vez, permite tanto a integração quanto a colocação em evidência do segmento citado, através do uso do itálico e das aspas.

Segundo os autores, deixando de lado o rótulo *discurso reportado*, que tende a mascarar as oposições principais mais do que evidenciá-las, parece preferível trabalhar com as categorias da *evocação*, da *reformulação* e da *citação*. (esta última inclui a *ilhota citacional*). Segue abaixo reprodução do quadro de Boch & Grossmann (2002), que mostra os critérios utilizados para distinguir essas três categorias.

Quadro 1 - Critérios que permitem diferenciar os modos de referência ao discurso do outro (BOCH & GROSSMANN, 2002)

Evocação	Reformulação	Citação
<ul style="list-style-type: none"> • Ausência de marcas introdutórias de discurso reportado (tais como: <i>segundo X</i>, <i>como afirma X</i>, ou equivalentes). • Ausência de desenvolvimento temático do dizer do outro. • Presença de um nome próprio de autor, freqüentemente com data à qual o autor do artigo se refere, sem precisar o teor do texto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Presença de marcas introdutórias do discurso reportado (<i>segundo X ...</i>, <i>de acordo com X ...</i>, <i>para X ...</i>, <i>como X afirma ...</i>, <i>como X pretende ...</i>, etc.). • Ausência de marcas escriturais tais como aspas (ou verbais, como <i>eu cito X</i>, <i>para retomar as palavras de X</i>). • O discurso do outro é integrado no discurso de quem escreve e não tem autonomia enunciativa. 	<p>Marcas, geralmente escriturais, como aspas, itálico ou bloco tipográfico, permitem identificar um segmento do texto como extraído de uma fonte externa; essas marcas podem, às vezes, ser substituídas por comentários metalingüísticos: <i>eu cito X ...</i>, <i>para retomar as palavras de X ...</i>);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Autonomia enunciativa do segmento citado (salvo no caso da “ilhota citacional”).

5. Os procedimentos e a análise

A coleta de dados para realização deste trabalho foi realizada no contexto da rede mundial de computadores, especificamente, em *blogs* da Internet.

Foram selecionados textos publicados em *blogs* que divulgam artigos de opinião, onde são comentadas notícias da atualidade. A escolha desses *blogs*, fontes alternativas não alinhadas à mídia tradicional, ocorreu em razão de seus artigos/*posts* constituírem um verdadeiro exercício de retextualização de gêneros escritos, no qual o gerenciamento das vozes do discurso muitas vezes deixa transparecer o posicionamento ideológico do seu autor.

A amostra analisada nesta pesquisa é constituída por excertos de três desses artigos de opinião, escolhidos em virtude de conter exemplos concretos de citação do *discurso de outrem*, tema principal deste estudo. O caráter público desses textos disponibilizados na Internet, cujos autores estão recebendo os devidos créditos por essas publicações (vide as REFERÊNCIAS), permite seu uso nesta pesquisa, ao passo que evita qualquer tipo de questionamento ético.

O procedimento de coleta dos dados consistiu, inicialmente, na leitura analítica das produções selecionadas, tarefa que permitiu a identificação dos trechos dos textos onde é citado o *discurso de outrem*. Depois dessa leitura compreensiva, foi realizada a análise das estratégias utilizadas pelos autores para gerenciar as vozes do discurso presentes nos artigos de opinião escolhidos.

As estratégias analisadas foram classificadas de acordo com as categorias definidas na tipologia criada por Boch & Grossmann (2002), quais sejam, inicialmente, a *evocação* e o *discurso reportado*, sendo que deste foram consideradas a *citação*, a *reformulação* e a *ilhota citacional*.

Na sequência, é exposta a análise dos textos selecionados. Convém esclarecer que nos excertos desses textos (abaixo exibidos) encontram-se destacadas em negrito as passagens identificadas como modos de referência ao discurso do outro na tipologia de Boch & Grossmann (2002).

Texto 1

Excerto 1

Como diz o escritor Mia Couto, **"Para fabricar armas é preciso fabricar inimigos. Para produzir inimigos é imperioso sustentar fantasmas"**.

Neste primeiro excerto, o blogueiro Marcelo Semer, autor do texto, faz referência à fala do escritor Mia Couto valendo-se da estratégia que Boch & Grossmann (2002) chamam de *citação autônoma*. Em outras palavras, a partir de uma marca introdutória do discurso reportado (Como diz o escritor Mia Couto ...), Semer recorre a uma estratégia que permite, através da utilização de elementos gráficos (marcas escriturais), como as aspas, a identificação do *discurso de outrem* como originário de uma fonte externa, assim como a manutenção da autonomia enunciativa desse discurso. Convém destacar que essa preservação da fala do outro evita que a voz de Semer se confunda com a voz de Couto.

Excerto 2

Eles ainda estão lá perdidos no art. 3º, da Constituição e lidos hoje parecem pouco mais do que contos de fada: **"construir uma sociedade livre, justa e solidária; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos..."**.

Claro exemplo de *ilhota citacional*, este segundo excerto também recorre às aspas para destacar o segmento do texto que foi retirado de uma fonte externa, neste caso a Constituição Federal. Mas, de forma diferente do que ocorre na *citação autônoma*, neste caso, verifica-se uma integração dos pontos de vista enunciativos. Em outras palavras, o discurso citado não mantém sua autonomia enunciativa, mas preserva a fala do outro através das aspas (marca escritural).

Texto 2

Excerto 1

Em comentário enviado às 6h59 deste domingo ao blog do meu colega Ricardo Noblat, no portal Globo.com, que reproduziu no sábado meu post de sexta-feira sobre o julgamento do CNJ no STF ("**6 a 5: a sofrida vitória de Eliana Calmon**"), o leitor Julio Cezar Noia Mattos levantou uma interessante questão, na qual também já vinha pensando: **"Poderiam aproveitar o clima para criar um órgão de controle externo para a imprensa, derrubando mais uma caixa preta, pois é mais que um direito dos cidadãos receber as informações sem manipulações e partidarismos"**.

O blogueiro Ricardo Kotscho recorre a duas estratégias para citar o discurso do outro neste excerto do texto original: uma *ilhota citacional* ("**6 a 5: a sofrida vitória de Eliana Calmon**") e uma *citação autônoma* – "**Poderiam aproveitar o clima para criar um órgão de controle externo para a imprensa, derrubando mais uma caixa preta, pois é mais que um direito dos cidadãos receber as informações sem manipulações e partidarismos**".

Para identificar o *post* ao qual está se referindo, Kotscho utiliza uma *ilhota citacional* que traz o título daquela publicação, retirada de uma fonte externa (o *blog* de Ricardo Noblat), entre aspas e sem autonomia enunciativa.

No segundo caso, após introduzir o discurso reportado (o leitor Julio Cezar Noia Mattos levantou uma interessante questão ...), o autor recorre a uma *citação autônoma* para trazer para o texto o discurso do outro, estratégia que permite que os pontos de vista enunciativos mantenham sua autonomia. Mais uma vez, as aspas permitem identificar o

fragmento como extraído de uma fonte externa. Vale destacar que Kotscho manifesta claramente seu apoio ao discurso citado (levantou um **interessante** questão, **na qual também já vinha pensando** ...).

Excerto 2

Na época, os mesmos órgãos da grande mídia, **que agora defendem o controle externo do Judiciário, uniram-se contra a proposta dos jornalistas, acusando o governo de querer censurar a imprensa.**

A partir da marca introdutória “Na época, os mesmos órgãos da grande mídia,” o autor recorre a uma *reformulação* para citar um discurso anterior desses órgãos, que aparece sem autonomia enunciativa, integrado - tanto no aspecto enunciativo, quanto no aspecto temático - ao seu próprio discurso, mas permeado por um tom crítico que manifesta seu ponto de vista.

Texto 3

Excerto 1

O processo de remoção dos moradores da comunidade de Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), é uma **“violação drástica”** do princípio básico da moradia adequada, **na avaliação de um alto especialista da ONU para o tema.**

Pablo Uchoa e Camilla Costa, autores do texto postado no *blog* de José Luiz Ribeiro da Silva (integrante do portal de Luiz Nassif), citam a opinião de um especialista da ONU sobre o episódio da desocupação da comunidade de Pinheirinho recorrendo à uma *ilhota citacional*, integrando, do ponto de vista enunciativo, o discurso do especialista ao deles, mas utilizando marcas gráficas (aspas, neste caso), para destacar a fala do funcionário da ONU.

Excerto 2

Em entrevista à BBC Brasil, o arquiteto brasileiro Cláudio Acioly, coordenador do programa das Nações Unidas para o Direito à Habitação e chefe de política habitacional da ONU-Habitat, **criticou a condução da operação** e afirmou que, segundo a experiência internacional, remoções forçadas **“criam mais problemas (que soluções) para a sociedade”**.

Na sequência, após uma clara marca introdutória (“Em entrevista à BBC Brasil, o arquiteto brasileiro Cláudio Acioly, coordenador do programa das Nações Unidas para o Direito à Habitação e chefe de política habitacional da ONU-Habitat”) que, além de introduzir o discurso, informa as credenciais que conferem autoridade ao dono da voz para falar sobre a desocupação, os autores utilizam uma *reformulação* para citar a voz do arquiteto. Integrada, do ponto de vista enunciativo, à voz dos autores, e sem contar com marcas gráficas como aspas, a fala de Cláudio Acioly perde sua autonomia enunciativa.

Após uma nova marca introdutória (“afirmou que, segundo a experiência internacional”) o discurso do arquiteto é novamente citado por meio de uma *ilhota citacional*, também sem autonomia enunciativa, identificada pelas aspas como um fragmento extraído de uma fonte externa e integrada enunciativamente ao discurso dos autores.

Excerto 3

O especialista questionou a atuação com base no estatuto das Cidades e na Constituição, que veem “função social” e protegem propriedades menores de 250 m² que permaneçam ocupadas pacificamente por um período de cinco anos ou mais.

Neste último excerto, é possível verificar a existência de duas *reformulações* (“O especialista questionou a atuação com base no estatuto das Cidades e na Constituição” e “protegem propriedades menores de 250m² que permaneçam ocupadas pacificamente por um período de cinco anos ou mais”) e uma *ilhota citacional* (“função social”). No caso das duas *reformulações*, não existem marcas introdutórias, nem marcas escriturais (aspas, negrito). No caso da *ilhota citacional*, existem marcas escriturais (aspas) e falta de autonomia enunciativa que indica, mais uma vez, a integração enunciativa dos discursos dos jornalistas e do arquiteto.

Vale destacar que estes excertos do terceiro texto que acabam de ser analisados, se comparados com os excertos dos dois primeiros textos selecionados, fazem uma apresentação aparentemente mais objetiva dos fatos, o que faz que a ideologia dos autores não apareça de forma explícita no artigo publicado. Na realidade, essa ideologia permeia o texto de forma sutil, por meio dos verbos utilizados nas *reformulações* (criticou, afirmou, questionou) e das *ilhotas citacionais* que acabam, não só incorporando as palavras do arquiteto, mas ainda destacando-as dentro da produção dos autores.

6. Considerações finais

No contexto da retextualização, a partir dos exemplos de aplicação da tipologia de modos de referência ao discurso do outro de Boch e Grossmann (2002) que foram apresentados, é possível perceber que a análise da citação do *discurso de outrem* permite tanto a identificação das estratégias às quais o autor do texto final recorreu para gerenciar as vozes presentes nos textos de partida, quanto a percepção da ideologia que permeia esses discursos.

Considerando a importância que a percepção dos mecanismos enunciativos adquire para a leitura compreensiva e a escrita produtiva, assim como as dificuldades no tratamento adequado da polifonia textual apresentadas por graduandos da área de Letras, entende-se que a aplicação de uma tipologia como a de Boch e Grossmann (2002) pode contribuir com o desenvolvimento dessas competências na universidade.

7. Referências

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução por Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução por Michel Laud, Yara F. Vieira. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin conceitos-chave*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 191-200.

BLOG. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em 3 mar. 2012.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Referir-se ao discurso do outro: alguns elementos de comparação entre especialistas e principiantes. In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 6, n. 11. P. 97-108, 2º sem. 2002. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01_art07.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2012.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de MACHADO, A. R. & CUNHA, P. São Paulo: EDUC, 1999.

DELL'ISOLA, R. L. P. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOTSCHO, R. Por que não criar um CNJ para a imprensa? *Balaio do Kotscho*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2012/02/05/por-que-nao-criar-um-cnj-para-a-imprensa/>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-38.

MATENCIO, M. L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. In: *Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002. p. 109-122. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta11/Conteudo/N11_Parte01_art08.pdf>. Acesso em 15 abr. 2011.

_____. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: *ANAIS do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/Referenciacao%20e%20retextualizacao.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2011.

_____. O recurso ao discurso do outro na formação inicial: um estudo de textos de alunos de Letras (2004). In: *Anais do 14º InPLA*, São Paulo: PUC, 2005. p.1-10. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/posletras/Recurso%20ao%20discurso%20do%20outro%20_INPLA_.pdf>. Acesso em 15 abr. 2011.

SEMER, M. Fascismo esmaga solidariedade. *Blog do Miro*. Disponível em: <<http://altamiroborges.blogspot.com/2012/02/fascismo-esmaga-solidariedade.html>> Acesso em: 4 fev. 2012

UCHOA, P.; COSTA, C. Especialista da ONU vê “violação drástica” de direitos em ação no Pinheirinho. Postado por José L. Ribeiro da Silva. *Portal Luis Nassif*. Disponível em: <<http://blogln.ning.com/profiles/blog/show?id=2189391%3ABlogPost%3A936041&commentId=2189391%3AComment%3A936117>>. Acesso em: 29 fev. 2012.